

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290002758



FE

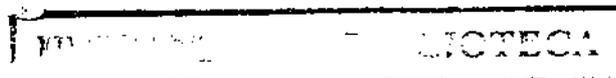
TCC/UNICAMP P758a

LÍGIA MILITO POLETTINI

**ANALFABETISMO FUNCIONAL E SEU ENFRENTAMENTO
PELO PEDAGOGO NAS ORGANIZAÇÕES**

CAMPINAS- SP

2005



1290002758

LÍGIA MILITO POLETTINI

**ANALFABETISMO FUNCIONAL E SEU ENFRENTAMENTO
PELO PEDAGOGO NAS ORGANIZAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação do Professor Doutor José Roberto Montes Heloani.

CAMPINAS - SP

2005

UNIDADE:	F. E.
Nº CHAMADA:	TAC UNICAMP
	Milito
V:	
TOM:	2458
PRO:	12312006
C:	X
PRECO:	
DATA:	24/03/06
Nº CPD:	334031

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P758a

Polettini, Lígia Milito.
Analfabetismo funcional e seu enfrentamento pelo pedagogo nas organizações / Lígia Milito Polettini. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : José Roberto Montes Heloani.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Analfabetismo funcional. 2. Trabalho. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Heloani, José Roberto Montes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-001-BFE

Agradecimentos

À Deus, pela força em todos os momentos.

Aos meus pais, Antônio Cláudio Polettini e Graziela Milito Polettini, e à minha família, agradeço todo incentivo, carinho, compreensão e respeito.

Ao meu orientador José Roberto Montes Heloani pelo acompanhamento do meu trabalho.

À Professora Sonia Giubilei, por ter sido a segunda leitora deste trabalho.

À Rosângela Casiolato, por ter contribuído para a realização minha pesquisa.

À minha amiga Máira Tararam, pelo apoio e companheirismo durante a graduação.

Ao Murilo, que esteve ao meu lado nesta etapa final.

SUMÁRIO

1. Introdução: Definição do Conceito de Analfabetismo Funcional.....	01
2. Medidas de Analfabetismo Funcional em Diversos Países.....	04
3. Medidas de Analfabetismo Funcional no Brasil.....	08
4. Analfabetismo Funcional e o Trabalho.....	15
5. Considerações Finais.....	23
Referências Bibliográficas.....	28
Anexo.....	29

Resumo

Este trabalho tem como área de investigação o analfabetismo funcional. Ao abordar esse tema procuramos estabelecer alguns aspectos que o permeiam, tratando, a princípio, da conceituação e dos problemas que o envolvem. Nesse sentido, julgamos necessário investigar questões pertinentes ao analfabetismo funcional tanto em diversos países, quanto no Brasil. Em seguida, estabelecemos algumas relações que o analfabetismo funcional suscita ao defrontar-se com as condições de trabalho. Com base nesses apontamentos, também refletimos sobre a atuação do pedagogo nas organizações.

1 – INTRODUÇÃO: DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE ANALFABETISMO FUNCIONAL

O processo de alfabetização escolar visa a formação do aluno como um competente leitor e produtor de texto, já que existe um reconhecimento, por parte de toda a sociedade, de que o envolvimento com práticas de leitura e escrita é hoje uma condição necessária para o pleno exercício da cidadania.

A questão da alfabetização tem sido motivo de inúmeras discussões entre pesquisadores da área da educação, principalmente quando o motivo é superar um modelo tradicional, que se contrapõe às propostas apresentadas atualmente. Nesse modelo tradicional a escrita é vista como um reflexo da linguagem oral, uma representação da fala, ou seja, um código. Nessa perspectiva, alfabetizar significa tornar o indivíduo capaz de codificar o som, significa torná-lo

"... capaz de ler e escrever". (SOARES, 1998: 31).

Esse modelo tradicional de alfabetização seria suficiente em uma sociedade em que as relações sociais fossem simples e que não exigem nada mais além da dominação do código e, nos dias atuais, tem sido muito criticado por especialistas, quando foi detectada a condição do analfabetismo funcional:

"... aquele indivíduo que passa pela escola durante alguns anos, tem contato com o código escrito, mas, depois que sai, não se utiliza da leitura e da escrita como instrumento

de inserção social e desenvolvimento da cidadania”.

(LEITE, 2001: 24).

Na sociedade atual, porém, as relações são mais complexas e exigem o uso efetivo da escrita. Passou-se, então, a ser visto como importante o ensino de habilidades e conhecimentos, fazendo com que o indivíduo participe das atividades de sua cultura ao exigir o uso da leitura e da escrita. Em outras palavras, habilidades e conhecimentos fundamentais para que o indivíduo “funcione” dentro da sociedade. Na visão de Soares,

“... quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição”. (SOARES, 1998: 36).

Na sociedade atual, portanto, a palavra escrita é uma de suas principais características, fazendo com que o analfabetismo – a incapacidade absoluta de ler e escrever – seja praticamente intolerável. Mas, para Moreira, o problema do analfabetismo funcional ou da “alfabetização imperfeita” tem sido encoberto pelo analfabetismo. De maneira geral, o analfabetismo funcional é um conceito que pode ser entendido como pessoas completamente analfabetas ou pessoas cujo grau de alfabetização não basta para que “funcionem”, ou seja, não basta para que exerçam funções simples na sociedade moderna. (MOREIRA, 2003).

É um conceito pouco compreendido e desconhecido da maioria das pessoas, que costumam pensar que analfabetos funcionais sejam aqueles com um número mínimo de anos de escolarização formal, o que é um engano, na visão do autor. Analfabetos funcionais são aquelas pessoas que não possuem

habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo, necessárias para a vida social e profissional da época atual, pessoas que encontram dificuldades em conciliar seus níveis de leitura com as necessidades da vida comum em sociedade e no trabalho, e compreendem um número muito maior de pessoas que aquelas com pouca escolarização.

Como seria possível, então, que uma pessoa considerada analfabeta funcional possa desempenhar determinadas funções do seu cotidiano como trabalhar, ler e escrever um recado simples, ler uma notícia de jornal na época atual, e quais desvantagens ela irá sofrer no mundo do trabalho?

Para melhor compreensão, do tema, julgou-se necessário fazer entrevista com pessoa especializada no assunto (ANEXO 1) , para quem ser alfabetizado

“... não é só o indivíduo saber escrever o nome, é também ter acesso aos conhecimentos diversos. Ainda hoje em nosso país isso é impossível”. (Rosângela)

2 – MEDIDAS DE ANALFABTISMO FUNCIONAL EM DIVERSOS PAÍSES

Diversas pesquisas foram feitas ao longo do século XX, nos Estados Unidos, para identificar os analfabetos funcionais. Um estudo feito em 1985, o Young Adult Literacy Survey, que desenvolveu o conceito de medida usado hoje, dividiu a alfabetização em três campos: *alfabetização em textos em prosa*, em *textos esquemáticos* e em *textos com informações numéricas ou quantitativas*, conceito que foi usado no National Adult Literacy Survey – NALS – a maior tentativa para medir o analfabetismo funcional nos EUA, em 1992 – e em outras pesquisas internacionais posteriores a essa, como o IALS – Internacional Adult Literacy Survey. A definição adotada pelo NALS foi a de que alguém é alfabetizado funcionalmente se for capaz de usar informação impressa e escrita para “funcionar” em sociedade, para atingir seus objetivos e para desenvolver seu conhecimento e potencial.

A partir de 1994 outros países, como Canadá, Alemanha, Irlanda, etc., resolveram utilizar a infra-estrutura conceitual gerada pelo NALS para fazer um levantamento sobre o analfabetismo funcional em suas populações (IALS). A definição de alfabetização adotada por essas pesquisas é semelhante à definição do NALS: a capacidade de entender e empregar informação impressa nas atividades diárias para atingir objetivos pessoais e desenvolver o conhecimento e potencial. Nessa pesquisa feita pelo IALS a alfabetização também esteve dividida em três campos: alfabetização em textos em prosa, em textos esquemáticos e em textos com informação numérica.

O quadro 1, a seguir, mostra os resultados obtidos no campo *textos em prosa*. Cada um dos cinco níveis reflete a progressão de dificuldade nas habilidades de processamento de informação. Cada escala foi pontuada de 0 a 500, com intervalo de 1 ponto.

Nível 1: 0 a 225 pontos – habilidades muito baixas

Nível 2: 226 a 275 pontos – habilidades baixas

Nível 3: 276 a 325 pontos – habilidades moderadas

Nível 4: 326 a 375 pontos – habilidades altas

Nível 5: 376 a 500 pontos - habilidades muito altas.

QUADRO 1: Textos em prosa: população em cada nível (%)

	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Níveis 4 e 5
Canadá	16.6	25.6	35.1	22.7
Alemanha	14.4	34.2	38	13.4
Irlanda	22.6	29.8	34.1	13.5
Holanda	10.5	30.1	44.1	15.3
Polônia	42.6	34.5	19.8	3.1
Suécia	7.5	20.3	39.7	32.4
Suíça (francesa)	17.6	33.7	38.6	10.0
Suíça (alemã)	19.3	35.7	36.1	8.9
Suíça (italiana)	19.6	34.7	37.5	8.3
Estados Unidos	20.7	25.9	32.4	21.1
Austrália	17.0	27.1	36.9	18.9
Bélgica	18.4	28.2	39.0	14.3
Nova Zelândia	18.4	27.3	35.0	19.2
Reino Unido	21.8	30.3	31.3	16.6
Chile	50.1	35.0	13.3	1.6
Checoslováquia	15.7	38.1	37.8	8.4
Dinamarca	9.6	36.4	47.6	6.5
Finlândia	10.4	26.3	40.9	22.4
Hungria	33.8	42.7	20.8	2.6
Noruega	8.5	24.7	49.2	17.6
Portugal	48.0	29.0	18.5	4.4
Eslovênia	42.2	34.5	20.1	3.2

Fonte: MOREIRA, 2003

Em análise feita por Moreira, a tabela mostra uma grande variação entre o analfabetismo funcional existente entre os países participantes. Mostra também que países conhecidos por seu alto grau de desenvolvimento possuem aproximadamente metade de sua população composta por analfabetos funcionais. O autor cita os comentários de Coley (1996 apud, MOREIRA, 2003), que fez observações importantes sobre os resultados da pesquisa:

- Existe diferenças em habilidades de alfabetização entre e dentro das nações;
- Deficiências de alfabetização não estão apenas entre os marginalizados, mas metade ou mais da metade dos adultos em todos os países está nos níveis 1 e 2 de alfabetização;
- No futuro, a tendência é de cada vez menos pessoas com baixa alfabetização tenham menos oportunidades na vida;
- É possível melhorar a alfabetização por meio de esforços pessoais; essas habilidades são mantidas e fortalecidas com o seu uso regular;
- O emprego é positivamente relacionado com a alfabetização: há um efeito direto da alfabetização na renda do trabalho.
- As indústrias que mais cresceram foram aquelas que tiveram pessoas com maiores pontuações médias;
- Há demanda crescente por habilidades de alfabetização nas economias industrializadas;

- Quanto mais habilidades a pessoa tem, maior chances que ela tenha algum treinamento no local de trabalho;
- Há uma relação entre escolaridade dos pais e alfabetização;
- Imigrantes contribuem mais para o nível 1 e menos para os níveis 4 e 5.

3 – MEDIDAS DE ANALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL

No Brasil, pouco se tem feito em relação às medidas de alfabetização funcional, mas, para Moreira, é possível fazer algumas observações, a partir dos dados sobre alfabetização convencional que se têm disponíveis, principalmente sobre a cidade de São Paulo.

Houve, no Brasil e em outros países da América Latina, uma tentativa de ir além de uma concepção acadêmica de alfabetização (que se limita ao desempenho de tarefas escolares) – pesquisa que, no Brasil, foi realizada apenas com a população da cidade de São Paulo.

O teste, que foi aplicado a uma amostra de 1000 moradores da cidade, era composto de duas partes: a parte preliminar, com questões mais elementares, e uma parte final, aplicado àqueles que acertaram pelo menos cinco questões do primeiro teste, isto é, a 671 pessoas. O resultado, mostrado no quadro 2, abaixo, refere-se apenas às pessoas que responderam o teste final.

QUADRO 2: Alfabetização funcional na cidade de São Paulo: distribuição das pessoas em níveis (%)

	Textos em prosa	Textos esquemáticos	Textos com informação numérica
Nível 1	24.6	24.7	14.9
Nível 2	25.3	23.1	34.9
Nível 3	24.6	26.8	25.0
Nível 4	25.5	25.3	25.2

Fonte: MOREIRA, 2003

Com alguns ajustes, Moreira formulou a seguinte tabela (distribuindo os respondentes da amostra em cinco níveis), calculada sobre a amostra de mil pessoas e considerando aqueles que ficaram fora do teste final como estando num nível preliminar 0:

QUADRO 3: Nova distribuição por níveis: alfabetização funcional na cidade de São Paulo (%)

	Textos em prosa	Textos esquemáticos	Textos com inform. Numér.	Média
Nível zero				32.9
Nível 1	16.5	16.6	10.0	14.5
Nível 2	17.0	15.5	23.4	18.5
Nível 3	16.5	18.0	16.8	17.1
Nível 4	17.1	17.0	16.9	17.0
Total				100%

Fonte: MOREIRA, 2003

O quadro 3 nos mostra que 65,9% dos respondentes são classificados como analfabetos funcionais (níveis 0, 1 e 2) e 34% são classificados como alfabetizados funcionalmente (níveis 3 e 4).

O autor também observou, a partir da pesquisa feita em São Paulo, que existem alguns fatores que podem influenciar os níveis de alfabetização funcional. Segundo ele, o indivíduo tem maior probabilidade de ser alfabetizado funcionalmente quando:

- Maior for o nível de escolaridade dos pais, principalmente o da mãe;
- Maior for o nível de escolaridade do próprio respondente;
- Quanto maior for o nível de alfabetização funcional, maiores são as chances do respondente estar empregado;
- Quanto maior for o grau de alfabetização funcional, melhores são os empregos e, conseqüentemente, suas rendas.

Existem também outros fatores que influenciam os níveis de alfabetização funcional, que podem ser diferentes dentro de um mesmo país. Moreira considerou o caso dos Estados Unidos para exemplificar essas diferenças:

- Diferenças étnicas: cidadãos brancos apresentam maiores vantagens, em termos de alfabetização funcional, em relação à cidadãos negros, hispânicos, centro e sul-americanos, etc.;
- Diferenças ocupacionais: trabalhadores rurais têm piores desempenhos, em termos de alfabetização funcional, em relação à trabalhadores urbanos, já que têm menores necessidades e menores interações com a língua escrita;
- Para os países participantes do IALS, há grande desvantagem nos níveis de alfabetização funcional dos estrangeiros. A imigração é um fator que aumenta o analfabetismo funcional.
- Movimentos internos de pessoas dentro de um mesmo país também influenciam na alfabetização funcional.

A história de vida de uma pessoa, seus pais, os meios por onde circula, escola, nível econômico, etc. exercem grande influência na alfabetização funcional desde cedo, como demonstra Moreira, além dos hábitos de leitura, ligados ao nível econômico: crianças que vêm de famílias em melhor posição social e econômica tendem a cultivar melhores hábitos de leitura.

Rosângela (ANEXO 1) também acredita ser extremamente importante a fase de alfabetização de uma criança, acentuando o importante papel do professor da escolarização inicial:

"A professora, além dos pais, é a figura mais importante na vida da criança, já que, às vezes, ela acredita naquilo que a professora ensinou na escola, e não naquilo que os pais falam sobre a lição que está errada: "a professora ensinou assim" e não admite correções. A figura do professor é tão importante que ele pode construir ou destruir a vida do aluno, com traumas inclusive. (...). Deve-se também levar em consideração a cultura local, ou seja, de cada região do Brasil. Ao relacionar a aprendizagem com a realidade, acredito que fica mais fácil para as crianças aprenderem. Muitas vezes, as práticas pedagógicas estão distantes da realidade da criança e isso dificulta a apreensão do conhecimento."

Para o Brasil, Moreira traçou o seguinte perfil da escola ideal, já que considera que esta tem papel fundamental na educação inicial da criança, além de oferecê-la meios para que entre em contato com a leitura e com a escrita.

- a) A escola deve possuir biblioteca com livros em quantidade e qualidade;
- b) Professores devem ter formação universitária e estar satisfeitos com sua remuneração, além de trabalhar em somente uma escola;
- c) Professores reconhecem que são os alunos, e não suas famílias, os responsáveis pelo sucesso ou fracasso da aprendizagem;
- d) A escola privilegia a heterogeneidade na formação de suas classes;
- e) Nas salas de aula há um ambiente de respeito e harmonia entre os alunos;
- f) Os pais se envolvem com o cotidiano escolar de seus filhos.

Além disso,

“... a escola pode e deve compensar as desigualdades, pois tem a capacidade de combater e amenizar os efeitos da desigualdade social. Mais ainda: fica claro que uma boa escola não quer dizer necessariamente uma escola cara, com abuso de recursos. Um dos resultados mais impactantes do estudo indica que um clima favorável de sala de aula, por si só, pode influir mais na aprendizagem do que o efeito combinado de todos os demais fatores”
(MOREIRA, 2003: 72).

O autor constatou, a partir dos resultados obtidos nas pesquisas, que os estudantes brasileiros têm apenas uma compreensão fragmentada daquilo que lêem, que não conseguem entender o que está escrito e nem fazer

interpretações de texto. Eles não desenvolveram as habilidades mínimas exigidas, ou seja, aprenderam apenas a decodificar o texto e não a entender o seu significado. Dessa forma, não podem aprender lendo. O mesmo acontece com a matemática, os alunos não são capazes de resolver problemas numéricos, nem simples nem complexos, e nem aplicar o que sabem em situações corriqueiras. Além disso, afirma que

“Das condições do lar, principalmente nos primeiros anos de vida e de escolarização, depende a futura alfabetização funcional. Lares onde a educação dos filhos seja importante para os pais, (...) são lares de onde sairão alunos com maior potencial de alfabetização. Esse potencial será ainda mais bem explorado em escolas adequadas de melhor qualidade didática, com melhores recursos e professores mais bem preparados. Tudo, é claro, desde o início, embora não se deva acreditar, fatalisticamente, que seja impossível consertar essas falhas quando o aluno já seja adulto.” (MOREIRA, 2003: 80)

Isso quer dizer que não há um preparo suficiente para que esses alunos enfrentem a sociedade da informação e do conhecimento, a sociedade atual globalizada. No mundo atual, os padrões tradicionais de trabalho, a necessidade por trabalhadores de baixa qualidade está acabando. Assim, para o futuro, será essencial o aprendizado e a alfabetização pela vida toda, já que mudanças no mundo e no trabalho ocorrem cada vez mais rápidas.

As pessoas que se encontram em níveis mais baixos de alfabetização funcional enfrentam uma série de dificuldades para se adaptar à sociedade e até mesmo de trabalhar em ocupações que exigem cada vez mais o uso da palavra escrita. Segundo Rosângela

“... o mundo do trabalho atualmente está cada vez mais exigente e seletivo. O trabalhador é cada vez mais explorado pela diminuição dos postos de trabalho e/ou automatização”. (Rosângela)

4 – ANALFABETISMO FUNCIONAL E O TRABALHO

A partir da década de 70 houve uma forte pressão do capital sobre o trabalho para que houvesse redução dos salários, levando a uma queda do poder aquisitivo dos trabalhadores, e o uso cada vez mais freqüente da tecnologia nas fábricas, fato que aumentou o desemprego e intensificou o trabalho. A prioridade das empresas passou a ser minimizar custos e maximizar lucros por meio de produtividade cada vez maior com o uso da tecnologia. Dessa forma, o trabalhador foi submetido a um processo contínuo de intensificação do trabalho, produzindo um excedente de mão-de-obra e interferindo nas relações de trabalho.

Nesse período o projeto fordista de regulação da economia foi perdendo força e a equação fordista (investir para aumentar a produtividade e repassá-la aos salários) enfraqueceu, pondo fim ao sonho de construir uma sociedade de consumo também para as massas. O Estado-Providência, (garantia à população o acesso à saúde, educação, melhorias urbanas, seguro desemprego e outros benefícios, todos oferecidos pelo Estado), que assegurava a continuidade do poder de consumo do trabalhador, também estava no fim, levando a uma difusão de serviços privados, apresentados como mais eficientes e baratos para o consumidor. Segundo Heloani,

“É o projeto de ‘modernidade’ dos serviços públicos que começam a moldar-se, juntamente com o projeto neoliberal” (HELOANI, 2003: 95),

um ataque ao Estado-Providência que tem como um de seus ideais a contenção de gastos com obras sociais.

O processo de privatização que se tornou freqüente nesse novo cenário, é fundamental para o enxugamento do Estado, fato que evidencia a inadequação do modelo fordista de repasse da produtividade da produção para os salários. Na visão do autor, é um processo que se consolida na década de 80, quando o empresariado articula três pontos de ataque em sua política econômica: a produção globalizada, a diminuição da atuação do Estado-Providência e a desindexação dos salários, características que são base para o pós-fordismo. Além disso, há um deslocamento do capital para o setor de serviços, isto é, a "terceirização", que na definição de Heloani

"... refere-se ao processo administrativo e organizacional de definir o foco de negócio da empresa e repassar para terceiros os setores de produtos e de apoio que sejam secundários aos objetivos da empresa". (IDEM: 224),

processo que visa reduzir o número de empregados e, conseqüentemente, os gastos de uma empresa.

Uma outra característica importante do pós-fordismo é a flexibilidade, em oposição à rigidez do fordismo. Para os neoliberais a flexibilização é a palavra-chave para atacar o desemprego, sendo preciso adotar medidas como trabalho por tempo parcial, por tarefas e o teletrabalho. Para o autor,

"... os neoliberais colocam o trabalhador como um sobrevivente. Para não ser soterrado pelo desemprego, deve adaptar-se a subempregos, ocupações temporárias

em que é coagido a desistir de direitos trabalhistas conquistados há décadas, como o pagamento de horas extras e férias remuneradas". (IDEM: 117).

O modelo pós-fordista criou uma nova divisão do trabalho, muito competitiva e intensiva em tecnologia microeletrônica, fato que levou à diminuição do número de empregados. Com a consolidação desse modelo as altas taxas de desemprego e achatamento de salários, em um sistema altamente competitivo e flexível, é comum a competição por um lugar no mercado de trabalho. Nesse contexto, a empresa irá estimular e valorizar cada vez mais o desenvolvimento da "iniciativa", da "capacidade cognitiva", do "raciocínio lógico" e do "potencial de criação" para que seus funcionários possam responder imediatamente aos problemas que estarão sempre surgindo. Como afirma Moreira (2003),

"O mercado torna-se portanto mais e mais exigente no tocante à escolaridade e à alfabetização funcional" (IDEM: 86).

A partir de 1990 as empresas passaram a valorizar e perceber o capital humano como seu principal recurso e principal garantia de sucesso da organização em tempos de competições acirradas e mudanças constantes. Nesse contexto, aquele que não se desenvolve, que não constrói conhecimento, fica pouco competitivo e a empresa também.

"A partir da década de 1990, com a introdução da mundialização ou globalização - abertura do comércio mundial, as coisas inverteram. O mercado é competitivo, o

número de empregos diminuiu em função das tecnologias, as máquinas substituíram os postos de trabalho, - enxugamento nas empresas-. Hoje, as exigências são bem maiores em todos os aspectos, instrução, pessoal qualificado, educação formal continuada, caso contrário fica fora do mercado de trabalho. Muita gente e pouco emprego. O mundo do trabalho está cada vez mais seletivo.” (Rosângela),

É nesse sentido que os menos alfabetizados funcionalmente encontrarão dificuldades em trabalhar proveitosamente em ocupações que exigem cada vez mais o domínio da palavra escrita ou enfrentarão uma série de desvantagens que influenciarão até na qualidade de vida do indivíduo. Moreira constatou que pessoas nos níveis 1 e 2 de alfabetização funcional irão sofrer no mercado de trabalho de diversas formas: tendo salários mais baixos que aquelas que estão nos níveis 3, 4 ou 5, tendo baixa oferta ou perda de oportunidades. Assim, terão também a qualidade de vida inferior àqueles mais alfabetizados funcionalmente.

Uma outra desvantagem relacionada ao trabalho que é causada pelo analfabetismo funcional é a situação de emprego: trabalhadores com habilidades menores sofrerão mais flutuações cíclicas no emprego, ou seja, maior variabilidade de emprego, que aqueles com mais habilidades. Além disso, pessoas com baixos níveis de alfabetização funcional terão menores ofertas de treinamento por parte das organizações, como afirmou Berryman (1994, apud Moreira, 2003). Quanto maior for o nível de alfabetização de um trabalhador, será mais provável que este receba treinamentos financiados por

quem o emprega, o que dificulta para aqueles menos escolarizados remediar suas deficiências.

Não é, porém, apenas o trabalhador que sofre desvantagens com o analfabetismo funcional. A empresa também sofre com isso, principalmente porque o trabalhador não reconhece

“... suas próprias limitações de alfabetização funcional e constroem seus próprios ‘caminhos’ dentro da empresa, sempre fugindo do conflito com as demandas de alfabetização funcional, com evidente perda de produtividade no dia-a-dia”. (MOREIRA, 2003: 107).

As organizações estão sempre buscando por habilidade ou competências básicas em seus funcionários, sem as quais eles não poderão sequer receber treinamento para que desempenhem melhor suas funções.

Segundo Moreira, a maioria das pessoas que foram entrevistadas (de todos os níveis) acreditam que possuem boas ou excelentes habilidades de leitura e, se possuem alguma deficiência, esta não afeta a execução das funções que desempenham no trabalho e nem diminui a oferta de empregos. O autor acredita que isso ocorra por diversos motivos: as pessoas podem gostar de mentir para si mesmas ou podem ter empregos de acordo com seu nível de alfabetização funcional. A pessoa também pode construir um “caminho” para si na organização, para adaptar melhor suas habilidades, ou a falta delas, ao desempenho de suas funções. Os comportamentos citados abaixo são típicos de pessoas nessas condições:

- Evitam fazer determinado trabalho ou usar determinada ferramenta;

- Não seguem instruções ou ordem escritas e nem anotam mensagens telefônicas;
- Levam formulários que devem preencher para casa;
- Aparentam não ter motivação para melhorar, recusam promoções;
- Ressentem-se de mudanças nos procedimentos e na tecnologia;
- Comentem sempre os mesmos erros e culpam os outros por seus erros.

A alfabetização funcional deficiente também torna mais difícil diminuir acidentes de trabalho, de implantar novas formas de comunicação interna, de implantar rotinas de trabalho por computador, etc.

Para Moreira, porém, o mais grave de todos os problemas para a empresa é o baixo aproveitamento de programas de treinamento – quanto mais baixo for o nível de alfabetização funcional, menor será o aproveitamento do trabalhador. Dessa forma, torna-se fundamental para a organização conhecer os funcionários em termos de alfabetização funcional, a fim de evitar prejuízos na produtividade do funcionário.

Outras habilidades que são esperadas pelos empregadores são aquelas relacionadas à tecnologia, principalmente tecnologias baseadas no computador, e é fundamental que a indústria defina exatamente quais são essas habilidades. Mas, na opinião do autor, a mais importante habilidade seja a de aprender no local de trabalho, principalmente porque a tecnologia está em constante evolução.

"Os empregados devem estar sempre aprendendo sobre novos produtos, como programas de processamento de dados, planilhas, software estatístico e gráfico, bem como entender o efeito desses programas em seu meio de trabalho".(IDEM: 110).

Isso deve ocorrer também nas manufaturas, onde o trabalhador deverá aprender a lidar com tabelas em computadores, gráficos, fluxos, etc., e entender símbolos, abreviações, etc., além de usar e-mail e outras formas de comunicação eletrônica.

Dessa forma, o local de trabalho torna-se lugar de constante aprendizagem e cada vez mais os trabalhos do futuro irão precisar de mais habilidades do que os trabalhos atuais. A empresa torna-se, portanto, o "lócus" da problematização e construção de soluções e essas instituições desenvolvem seus próprios cursos e currículos, empregam pessoas docente e administrativo, usam sofisticados recursos auxiliares de ensino e avaliam seus próprios programas e métodos tornando-se, então, verdadeiras instituições de ensino.

Sobre quais habilidades básicas seria necessárias ao trabalhador, Moreira acredita que existam duas visões: a primeira, que afirma que apenas uma medida de habilidade cognitiva geral pode responder por quase toda a variação no desempenho, para todos os trabalhos, mas não pensa a questão de *se e como* essa habilidade pode ser treinada. A segunda posição, e mais comum, baseia-se na hipótese de que diferentes habilidades podem ser necessitadas em diferentes trabalhos. O autor afirma que, dentro dessas

habilidades básicas, encontra-se a mais importante delas, que é a alfabetização funcional, já que esta é base para que todos os tipos de treinamento ocorram com sucesso.

Na visão do autor, a questão da alfabetização funcional é um problema que tende a se agravar, já que o mercado de trabalho está exigindo cada vez mais escolarização funcional além do que o sistema educacional formal pode oferecer. Dessa forma, defende que programas de treinamento em alfabetização sejam realizados nas empresas, a fim de aprimorar as habilidades e os níveis de leitura de seus funcionários. Além disso, como seria possível que a organização, que está inserida em uma lógica pós-fordista, período em que a tecnologia é essencial e está progredindo constantemente, desenvolva-se, se parte de seus funcionários for composta por analfabetos funcionais?

Diante de tais considerações, é possível questionar qual é a atuação do pedagogo na formulação e execução das práticas empresariais de incentivo ao desenvolvimento humano e profissional dos seus empregados, no auxílio ao desenvolvimento de habilidades básicas como a alfabetização funcional, e investigar qual a sua importância e qual o papel estratégico da educação, no âmbito das organizações, num mundo cada vez mais globalizado, onde o analfabetismo funcional é intolerado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o analfabetismo funcional, característica que atinge metade ou mais da população adulta, traz efeitos negativos para a produtividade de uma empresa. Assim, é fundamental que seus trabalhadores tenham uma das habilidades consideradas, por Moreira, indispensáveis, que é a alfabetização funcional. Além disso, a disputa econômica e mercadológica do mundo globalizado faz com que ocorra um acirramento da concorrência, o que se manifesta no meio empresarial por meio da busca de melhores produtos, vide os selos de qualidade, ou seja, os de ISO 9000. Isso se reflete no que diz respeito às relações de trabalho, pois, devido à concorrência acirrada, é evidente a exigência de um alto grau de qualificação dos trabalhadores inseridos nesse contexto em que a disputa é característica prevalecente.

"Percebo que o mundo do trabalho, atualmente, está cada vez mais exigente e seletivo. O trabalhador é cada vez mais explorado pela diminuição dos postos de trabalho e/ou automatização". (Rosângela)

Portanto, a alfabetização funcional é uma habilidade básica por excelência,

"... já que sem a infra-estrutura da alfabetização funcional, dificilmente o indivíduo estará apto a ser treinado para outras habilidades básicas..." (MOREIRA, 2003: 122).

É, portanto, fundamental que sejam realizadas auditorias de alfabetização funcional no local de trabalho, ou seja, avaliações sobre as condições gerais dos trabalhadores, sendo feitas a partir de materiais de uso real, coletados no próprio ambiente de trabalho, já que as práticas de leituras realizadas nesse ambiente são diferentes daquelas realizadas no ambiente escolar. Dessa forma, torna-se possível identificar as falhas e as necessidades de cada funcionário, bem como o tipo de treinamento que cada um deverá receber.

Como já foi dito, o ambiente de trabalho tornou-se um local de aprendizagem onde deve ocorrer, de maneira constante, a atualização dos funcionários para que a empresa seja capaz de competir no mercado atual. Nesse sentido, a empresa tornou-se um espaço de formação, já que favorece o desenvolvimento da educação não-formal.

Considera-se, dessa maneira, relevante a atuação do pedagogo junto às empresas, pois se trata de um profissional capacitado para identificar as necessidades reais no processo de ensino e aprendizagem e para saber como agir diante delas, além de também ser visto como um profissional preocupado com o desenvolvimento humano. Essa atuação, hoje, representa um ponto positivo para a empresa, porque entre os índices atuais que garantem sua aceitação no mercado e lhe atribuem status figuram fatores ligados ao desenvolvimento humano e social, ou, costumeiramente, denominado compromisso social; diferenciando-se do que ocorria anteriormente, quando somente a produtividade constava como certificado de qualidade.

Ao atuar em uma empresa, portanto, o pedagogo terá como funções liderar e organizar os processos de capacitação e treinamento das habilidades do funcionário para novos contextos de trabalho, levando para a área empresarial a questão metodológica, o conhecimento dos conteúdos disciplinares, as práticas de ensino, a didática.

Porém, a atuação do pedagogo nas organizações empresariais é ainda uma atividade pouco explorada, devido ao desconhecimento dos benefícios que a prática de atividades educacionais pode proporcionar mesmo estando fora de seu local de atuação formal, a escola. No entanto, é evidente o interesse que a questão do analfabetismo funcional tem despertado, primeiramente, no meio acadêmico, e, posteriormente, na comunidade empresarial, pois se tem notado que as deficiências apresentadas por um trabalhador, ao lidar com as informações cotidianas de sua função, acarretam inúmeros contratempos ao seu desempenho e, conseqüentemente, ao da empresa.

Tendo em vista o quadro apresentado, pode-se dizer que o processo de atuação do pedagogo deve ser traçado de maneira metodológica, buscando identificar os problemas, para então, depois, solucioná-los. Cabe ressaltar que, ao processo de atuação do pedagogo, é necessário levar em conta a realidade e a situação de cada empresa, por esse motivo, ele deverá ir a campo e observar os empregados no seu trabalho, verificando quais são suas dificuldades e necessidades reais.

Contudo, a atuação do pedagogo não deve centrar-se somente nas necessidades imediatas da empresa e nas questões específicas que envolvem

o trabalho, mesmo que este seja o ponto de partida para suas indagações, pois a essência da prática pedagógica será sempre seu relacionamento com a educação, o que denota uma abrangência maior, porque os benefícios que o trabalho com o analfabetismo funcional em uma empresa proporciona aos funcionários, pode ir além das expectativas referentes apenas ao campo de atuação do trabalhador.

No mundo atual, a educação é extremamente importante, já que a revolução tecnológica, as constantes e rápidas mudanças exigem que o indivíduo tenha a capacidade de leitura e compreensão daquilo que se lê, tornando mais fácil a adaptação à essas mudanças. Assim, a educação deve ser um processo contínuo, que não se acaba com a escolarização formal, deve ocorrer ao longo da vida. Rosângela (ANEXO 1) considera que não existe interesse por parte do governo em alfabetizar a população, deixando para a empresa a responsabilidade de tornar o indivíduo capacitado para o trabalho, de conferir-lhe habilidades fundamentais até para a vida em sociedade, como a alfabetização funcional. É a empresa quem deve promover uma educação continuada, promover e criar currículos para alfabetizar e melhorar as habilidades de leitura e escrita de seus funcionários para, desse modo, poder sobreviver a forte concorrência do mercado. Porém, é preciso notar que tipo de treinamento está sendo oferecido ao trabalhador. Há o caso do banco Bradesco que oferece este serviço via internet, mas, diz Rosangela, é um serviço que é apenas aparentemente em prol do funcionário, sendo que na verdade, esse tipo de benefício funciona apenas para atender aos interesses da empresa, para lucrar cada vez mais, para se manter competitiva.

“Sei que muitos Pedagogos trabalham em empresas alfabetizando adultos, mas parece que isso não é suficiente. O governo não dá conta das demandas do analfabetismo dos adultos, nem das crianças. Não têm locais adequados para atender a essa demanda, que ainda é grande. Acredito que hoje o analfabeto não consegue trabalho formal, uma vez que a tendência é o trabalho informal. As empresas não querem encargos, devido o custo ser muito alto (imposto) com o empregado. Não vejo perspectiva positiva para o analfabetismo funcional.”

Referências Bibliográficas

HELOANI, J. R. *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: História da Manipulação Psicológica no Mundo do Trabalho*. São Paulo. Atlas. 2003

LEITE, S. A. S. "Alfabetização e Letramento – Notas Sobre o Processo de Alfabetização Escolar", In: LEITE, S. A. S. (org.). *Alfabetização e Letramento: Contribuições Para as Práticas Pedagógicas*. Campinas, Ed. Escrita e Arte Komedí, 2001.

MOREIRA, D. A. *Analfabetismo Funcional: O Mal Nosso de Cada Dia*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2003

SOARES, M. B. "Letramento em Texto Didático: O que é Letramento e Alfabetização." In: *Letramento – Um Tema em Três Gêneros*. Belo Horizonte, 1998.

ANEXO 1

Entrevista feita com Rosângela Casiolato, pesquisadora na área de Analfabetismo Funcional.

1 – Como você define o analfabetismo funcional e por que ele acontece?

Lembro-me de ter estudado já há algum tempo sobre o que está por trás do analfabetismo. No meu entender, não existe interesse por parte do governo ou dos órgãos públicos em manter todas as pessoas alfabetizadas em nossa sociedade. O interesse é manter a sociedade acrítica (é manter uma venda nos olhos do povo) para não fazer uma leitura crítica do sistema, tornando, dessa forma, mais fácil manipular a sociedade. Existe uma distância entre o que está na Constituição Brasileira, educação para todos, e a realidade, que é só no papel. A Educação no Brasil teve avanços e retrocessos, mas está cada vez mais evidente a fábrica de crianças analfabetas que terminam o ciclo básico e não sabem escrever. Por exemplo, praticamente tiraram ou não dão importância para as disciplinas de sociologia e/ou psicologia e, quando tem, é a menos importante. Isso ocorre até em curso superior. Concluindo, o cenário da educação no Brasil parece não ter mudado muito, continuamos com alto índices de analfabetismo, apesar dos avanços.

2 – Como diagnosticar e como medir o analfabetismo funcional? Qual o índice de analfabetismo funcional no Brasil atualmente?

Especificamente, o índice de analfabetismo no Brasil eu não sei, mas sei que temos um número elevado. Para fazer uma medida seria necessário fazer uma pesquisa quantitativa no país, ou em estados onde existe maior índice e probabilidade de analfabetismo. Os órgãos de governo devem ter estes números estimados. No meu entender, não é só o indivíduo saber escrever o nome, é também ter acesso aos conhecimentos diversos. Ainda hoje em nosso país isso é impossível. O nosso presidente fala orgulhosamente de sua origem, não vejo isso como um troféu. Acho que nosso presidente desde que se tornou um líder sindical, poderia ter feito uma faculdade, mas não fez. Por que será?

3 – Quais são as práticas pedagógicas necessárias para se combater o analfabetismo funcional durante o início da escolarização formal?

No meu entender, é muito importante a fase de alfabetização na infância. A professora, além dos pais, é a figura mais importante na vida da criança, já que, às vezes, ela acredita naquilo que a professora ensinou na escola, e não naquilo que os pais falam sobre a lição que está errada: "a professora ensinou assim" e não admite correções. A figura do professor é tão importante que ele pode construir ou destruir a vida do aluno, com traumas inclusive. Quanto às práticas pedagógicas, acho que o professor precisa ser criativo na sua prática - com crianças existem várias - no caso do adulto precisa ser diferente (a alfabetização ocorre de maneira diferente da criança) mas isso depende também da instituição escolar. A criança aprende mais quando ela põe a sua emoção naquilo que está aprendendo e eu não acredito que as professoras têm esta visão. Muitas crianças travam, ficam ansiosas durante uma

avaliação, percebem como algo ruim. Até os cursos de magistério acabaram? Posteriormente, sim, o curso de Pedagogia, ambos são importantes para a educação formal infantil, e porque não de adultos?

Deve-se também levar em consideração a cultura local, ou seja, de cada região do Brasil. Ao relacionar a aprendizagem com a realidade, acredito que fica mais fácil para as crianças aprenderem. Muitas vezes, as práticas pedagógicas estão distantes da realidade da criança e isso dificulta a apreensão do conhecimento.

4 – Qual a relação entre analfabetismo funcional e a mecanização do trabalho/desenvolvimento industrial?

Percebo que o mundo do trabalho atualmente está cada vez mais exigente e seletivo. O trabalhador é cada vez mais explorado pela diminuição dos postos de trabalho e/ou automatização.

Aqui no Brasil, no período chamado fordismo (Heloani), investia-se em profissionalização porque precisavam de mão de obra especializada para operar as máquinas. Na verdade, não era exigido alto grau de escolaridade para operar tais máquinas. Não eram exigidas grandes qualificações. Além disso, havia muitos empregos. A partir da década de 1990, com a introdução da mundialização ou globalização - abertura do comércio mundial - as coisas se inverteram. O mercado passou a ser competitivo, o número de empregos diminuiu em função das tecnologias, as máquinas substituíram os postos de trabalho, houve enxugamento nas empresas. Hoje, as exigências são bem maiores em todos os aspectos, instrução, pessoal qualificado, educação formal

continuada. Caso contrário fica fora do mercado de trabalho. Há muita gente e pouco emprego. O mundo do trabalho está cada vez mais seletivo, até a empregada doméstica precisa saber ler e escrever, porque precisa anotar recados para patroa. Então, a alfabetização de adultos, que é diferente da alfabetização de crianças, é um trabalho que precisa ampliar e muito. Sei que muitos Pedagogos trabalham em empresas alfabetizando adultos, mas parece que isso não é suficiente. O governo não dá conta das demandas do analfabetismo dos adultos, nem das crianças. Não tem locais adequados para atender a essa demanda, que ainda é grande. Acredito que hoje o analfabeto não consegue trabalho formal, uma vez que a tendência é o trabalho informal. As empresas não querem encargos, devido o custo ser muito alto (imposto) com o empregado. Não vejo perspectiva positiva para o analfabetismo funcional. Por outro lado, como já disse, não há interesse por parte dos órgãos governamentais.

5 – Quais as desvantagens que o trabalhador considerado analfabeto funcional terá no mercado de trabalho? Quais são as práticas de leitura e escrita no trabalho?

As desvantagens é que, do meu ponto de vista, esse trabalhador não vai conseguir emprego formal, se hoje ele tem emprego, provavelmente, não conseguirá outro. Será um futuro trabalhador informal. Esse trabalhador vai ter que se manter e depender das migalhas do Estado de bem estar, que é cada vez menor para o povo, é essa a lógica atual. Estado mínimo para o povo. Estamos na lei da selva, salve-se quem puder. Em qualquer nível ou função

hoje, acredito que o trabalhador precisa ler, até o faxineiro. De repente, ele não pode limpar determinada área naquele momento, há uma sinalização ele tem que saber. O mesmo acontece com as máquinas eletrônicas, muitas de altíssima precisão, o trabalhador precisa saber os códigos. Não tenho conhecimento de que existam práticas de leitura no trabalho, escrita sim, depende da função. Mas, não acredito que as empresas façam isso para elevar o conhecimento do trabalhador. Acredito que as empresas façam manuais de regras que as interessam, para manipular o trabalhador.

6 – Como as empresas podem melhorar as habilidades e os níveis de leitura de seus funcionários e como o pedagogo irá atuar nesse sentido e na formulação de práticas de incentivo ao desenvolvimento humano e profissional de seus empregados?

Hoje, os pedagogos devem tomar cuidado para não cair na manipulação das empresas. As empresas dão com uma mão, e tiram com a outra. Se o pedagogo introduzir um texto que os desagradem, contrários aos objetivos da empresa, com certeza será mandado embora. O Pedagogo está também submisso àquilo que a empresa quer que ele faça, tudo em benefício da empresa. A empresa vai investir, para ter o retorno, o capital. Fala-se bonito, investir no desenvolvimento humano, no entanto, explora-se o trabalhador, e este por medo de perder o emprego submete-se, a exploração. As pessoas, por falta de conhecimento - responsabilidade principalmente das universidades - não são críticos, porque não os interessam formar pessoas assim. Por trás da belíssima frase, oculta-se os verdadeiros interesses das organizações.

Acredito, só a educação formal/informal continuada vai alertar gradativamente a sociedade e resgatar parte daquilo que perderam e/ou adquirir o que nunca tiveram - o fim do analfabetismo, que não deixa de ser uma das formas de melhor explorar e manipular o trabalhador.

7 – Qual o papel da educação nas organizações no mundo atual, cada vez mais globalizado, onde o analfabetismo funcional não é admitido?

Temos que tomar cuidado. Fala-se, mas não se faz. Uma sociedade não instruída é mais fácil a manipulação. É uma contradição. Sobrou para o trabalhador que quer manter-se no mercado, estar sempre atualizado, a formação continuada. Aqueles que não o fizeram, estão fora do mercado de trabalho. O ritmo acelerado das novas tecnologias, é isso, o ontem - já está ultrapassado. Acredito que cada um de nós como educador somos responsáveis. Só com a valorização da profissão de educador as coisas podem melhorar. A começar dos pedagogos que são responsáveis pela educação básica. Mas para isso, ele também precisa de uma boa formação, para plantar uma semente saudável na criança, e isso vai além do conhecimento, apenas. A pessoa do professor também é um instrumento que pode ser positivo ou negativo para o indivíduo. O mundo globalizado exige produtos cada vez melhores, para enfrentar a concorrência. Em decorrência, sobra para o trabalhador, mais mercado, menos emprego. Para sobrevivência, resta estar cada vez mais atualizado, e mesmo assim, corre-se o risco de estar fora do mercado de trabalho.

8 – Quais as desvantagens para a empresa que possui funcionários considerados analfabetos funcionais e quais são as habilidades mínimas que devem ser exigidas do funcionário, para que este absorva as habilidades que a empresa quer lhe conferir?

Depende do seguimento da empresa, vai exigir mais conhecimento ou menos do trabalhador. De qualquer maneira, como já foi dito, quanto menos instrução pior é para o empregador e para o empregado. Vou lhe dar um exemplo: a formação dos profissionais de enfermagem. Quanto mais qualificado, ele é capaz de prestar um serviço melhor ao paciente em consequência para o hospital. Normas de higiene - menos contaminação. Acredito que hoje no mínimo é necessário que todos tenham um conhecimento do nível fundamental. Na verdade, esse nível é pouco para se ter consciência de determinadas coisas da vida, da sociedade de modo geral.

9 – Onde o pedagogo irá pesquisar os conteúdos programáticos que aperfeiçoem as habilidades dos empregados?

Não sei se existe, mas ir a campo e verificar, o número de trabalhadores que necessitam. Que eu saiba, os aperfeiçoamentos e as habilidades são todas em prol das empresas. E isso, dá certo, o trabalhador provavelmente acredita que esses aperfeiçoamentos lhes acrescentam muito. Isto vai de encontro com o desejo de ascensão do funcionário. Como por exemplo, a organização Bradesco. Oferecem cursos aos seus funcionários pela internet. Tudo com facilidade e tecnologias, em prol de que? Da exploração, habilitar seus empregados a vender bem seus produtos, o que interessa é o capital. Dessa

forma, é contraditório o que se propõem aos trabalhadores e o que lhes são exigidos.

